

DOCÊNCIA NA GRADUAÇÃO SOBRE ENVELHECIMENTO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Verônica Bohm

Psicóloga, Doutora em Educação, Docente Universitária (Universidade de Caxias do Sul)

vbohm@ucs.br

JUSTIFICATIVA e OBJETIVO: Este trabalho nasce com o objetivo de compartilhar uma experiência como docente de disciplinas que abordam o envelhecimento humano, oferecida para acadêmicos de Psicologia em uma universidade da serra gaúcha. No intuito de estar mais preparada para a abordagens do envelhecimento humano frente a turmas formadas predominantemente por jovens, tentei buscar artigos que versavam sobre, mas nada específico encontrei. Diante da dificuldade em encontrar literatura sobre, precisei tatear alguns caminhos, na busca de encontrar possíveis inéditos viáveis, segundo conceito ligado à educação, proposto por Freire e Macedo¹. Neste sentido, minha primeira descoberta foi a de que não estaria buscando, mas construindo um percurso possível. Percurso que se realinha a cada novo semestre, uma vez que as pessoas envolvidas não são mais as mesmas, nem os estudantes, nem a professora. Esta é uma constatação da potência que trabalhar com conteúdos ligados aos aspectos psicológicos que o envelhecimento humano carrega: a possibilidade de, além de discutir aspectos teórico/técnicos, provocar reflexões existenciais, colocando o sujeito que é tocado pelo assunto, em um lugar diferente de onde ele estava antes da aula ter início. São muitos os discursos proferidos nos últimos anos sobre as dificuldades de se trabalhar com educação em função da invasão tecnológica dentro do ambiente escolar. Para muitos acadêmicos, os cadernos já não fazem mais parte dos materiais que lançam mão para os estudos. As novas tecnologias, como celulares, *notebooks*, *tablets* fazem parte do cotidiano das universidades, inclusive exigindo adaptações físicas, as quais se explicitam pela proliferação de tomadas pelas paredes e pisos. Não raro, os professores universitários têm dificuldade em lidar com esta nova realidade. Muitos, assim como eu, tiveram sua formação em áreas não ligadas à docência. São técnicos, que possuem significativo domínio em suas áreas de atuação e acabam, por alguma razão, muitas vezes sem um planejamento, exercendo o trabalho de professor. Neste sentido, Masetto² escreve sobre a necessidade da profissionalização desta profissão, pois, com a proliferação de instituições de ensino superior, cada vez mais técnicos de diversas áreas, exercem também a docência, entretanto, muitos não

se identificam como professores, mas sim, como sendo um profissional da sua área de formação, fazendo da docência quase uma atividade extra. Desta forma, é como eu me identificar como psicóloga, e não como professora, entendendo, por vezes, esta outra atividade como algo menor. Esta constatação é necessária pois, diante dos novos desafios que invadem o fazer docente, a passividade em relação à formação didática do professor, bem como a falta de compartilhamento de experiências consideradas bem sucedidas em ambientes de aprendizagem podem comprometer a formação dos estudantes. Assim, é necessário lançar olhares otimista para os locais de formação e explicitar que a mesma tecnologia que pode servir como forma de distração para os estudantes, também pode ser empregada como uma aliada importante do professor, e, por vezes, ser esquecida pelos acadêmicos em função do envolvimento com o que está sendo abordado. A sala de aula é um lugar ímpar, dinâmico, que desvela a cada encontro, novas nuances, novos caminhos, novos desafios, estando ela, na medida do possível, circunscrita por tudo o que afeta a todos que lá estão. É nesse cenário que o tema envelhecimento humano é lançado. Um lugar repleto de jovens, conectados ao mundo através dos seus equipamentos móveis, que chegam acreditando que o que ali será estudado é algo que diz respeito aos futuros pacientes que terão, algo que discute o outro. Neste momento, cai o primeiro grande escudo deles em relação à disciplina. É explicitado que envelhecer não é algo que ocorre apenas no outro, ou a partir de uma idade específica, mas é um processo que atinge a todos indiscriminadamente, desde que nascemos, sendo um processo heterogêneo e irreversível, influenciado pela cultura, mas também por fatores biológicos, conforme Baltes³ propõe. Desta forma, discutir o processo de envelhecimento é olhar para o outro, para a sociedade, mas também para si. Essa parece ser a maior potência de disciplinas que abordam tal temática, como também, um grande desafio para os docentes. Questionamento frequente ao longo do semestre é como avaliar a aprendizagem dos estudantes em disciplinas que possuem tal força? Não negarei que ainda lanço mão de prova clássica, buscando verificar a compreensão de conceitos. Utilizo de forma relativizada, pois atribuo pouco peso na avaliação final. Encaro-as como estratégia para "forçar" aquela parcela dos estudantes que não costumam ler os textos indicados ao longo do semestre, a se debruçarem sobre os mesmos diante da eterna ansiedade gerada por este tipo de instrumento avaliativo. **CAMINHOS METODOLÓGICOS:** Ainda, neste trabalho quero relatar uma experiência com outro instrumento que tem se mostrado eficaz para unir os aspectos teóricos e existenciais emergidos pela disciplina: o emprego de crônicas. Crônicas são narrativas breves, sem a exigência de fundamentação teórica, mas que carregam uma profundidade/domínio do tema que permitem ao leitor vivenciar o narrado pelo escritor. Para

Fonseca⁴, é uma forma de escrita que carrega uma ligação próxima com o autor e a realidade, permeada pelo lirismo e pela subjetividade. Desde o primeiro dia de aula, os acadêmicos são informados do trabalho final que terão que elaborar. É explicitado para eles que não há a necessidade de ter fundamentação teórica, todavia, ao lê-las, o professor precisa reconhecer os conteúdos abordados na disciplina que serviram como pano de fundo para a construção do texto. Como nem todos têm conhecimento prévio sobre a estrutura de uma crônica, alguns modelos são apresentados para servir de inspiração. No último semestre, utilizei Luiz Fernando Veríssimo⁵ e Marta Medeiros⁶, por terem uma escrita magistral. Clara e aparentemente simples, tais escritas, ao meu ver, encorajam os estudantes a se aventurarem em uma estrutura de texto nova para a grande maioria. Confesso que é trabalhosa a correção dos textos, mas, ao mesmo tempo, permite uma aproximação de cada acadêmico, bem como a segurança sobre a apropriação, ou não, dos conteúdos por cada um. Como critério para correção, o estilo da escrita não fica em destaque. Nem todos têm habilidade para conduzir o leitor através de palavras escritas, todavia, fica presente que está sendo trabalhada a formação de futuros psicólogos, e não de escritores. O que importa é conseguir enxergar a teoria estudada de forma não explícita. Para escrever sobre fatos do cotidiano ou sobre sentimentos vinculados à temática, cada estudante precisa estar apropriado da teoria e estabelecer relações possíveis entre teorias e vida. Neste sentido, a leitura/correção das crônicas deixa de ser um trabalho árduo e se transforma em deleite, tanto aos amantes de literatura, como para docentes que se esforçam para que estes jovens consigam compreender e apreender através de formas criativas de ministrar suas aulas. **RESULTADOS/DISCUSSÃO:** Diversos temas têm sido abordados nesta atividade. Em uma das crônicas, para fazer alusão ao conteúdo discutido em aula que ocorria em sextas-feiras, um estudante escreve: "Segundo aquela mulher que vejo toda sexta-feira à noite, envelhecimento é um processo. A gente envelhece todos os dias, a cada segundo, a cada minuto, a cada hora, a cada momento vivido". Nesta escrita, ele estava tendo como base autores estudados como Baltes e Smith⁷, Neri⁸, Beauvoir⁹, apropriando-se de seus novos saberes. E continua: " Saber envelhecer é olharmos no espelho sem medo do que vamos ver, porque a velhice também pode ser bela, assim como a noite, que embora escura, possui as estrelas". No pano de fundo desta frase, há discussões sobre ressignificar experiências, bem como a tentativa de romper com estereótipos negativos que a velhice carrega na sociedade. Neste sentido, a sexualidade, assunto ainda hoje tabu, aparece em algumas crônicas de forma realista. Despida de preconceitos sobre, o início de um namoro fica claro nas frases a seguir: " Dois dias após o baile recebi flores, e não sabia de quem era, mas fiquei lisonjeada, no final deste mesmo dia, ao fechar a janela da cozinha me deparo com

o Sr. Aparício olhando para mim da frente do portão de minha casa. Logo que percebi, fechei a janela e não olhei mais para fora, em direção ao portão". Na sequência, a crônica aborda o namoro, o contar para os filhos e netos, e a felicidade deste casal que se permitiu viver estas emoções. Outra crônica explicita a beleza que é reconhecida no outro, independente da idade: "Apesar dos anos que passaram, ela continuava com os traços que sempre me encantaram: lindos cabelos cacheados, pele negra e olhos cor de mel. Bem, seus cabelos, já não mais cor de ébano, desenrolavam até os ombros numa tonalidade prateada. Ah! Que lindo contraste com sua pele". Santos¹⁰ é a autora pano de fundo para essa temática em aula. Deixa claro que sexualidade é muito mais do que relação sexual genital, é toda a relação de prazer vinculada às fantasias, e, o que liga as relações de prazer às fantasias é o desejo de completude, desejo de corresponder ao desejo do outro, sendo este, alusivo às marcas pulsionais constituídas a partir das primeiras experiências de satisfação e de prazer na relação com os primeiros objetos amorosos, os pais. Temas aparentemente mais difíceis também são abordados pelos acadêmicos. A demência de Alzheimer apareceu em diferentes textos, inclusive a evolução dos quadros. Através da narrativa de duas histórias de vida, apresentando informações de como o casal havia se conhecido, até a chegada a situação atual, é apresentado em uma crônica as perdas que se avolumam com a evolução da demência e a presença de familiares constituindo uma rede de apoio: " A medida que o tempo ia passando, atividades rotineiras passaram a ser cada vez mais difíceis. Os dois velhos já não podiam ficar sozinhos, sendo acompanhados por familiares, em rodízio, dia e noite". A finitude talvez tenha sido um dos temas mais abordados nos textos entregues. Com uma escrita fluida, parecendo uma conversa consigo mesmo, a estudante escreve " Quanto tempo dura a vida? Esses dias o Tempo veio me falar que o meu tempo estava para cessar. Há dias Ele vem demonstrando que pouco resta. Uma tosse ali, uma cegueira "acolá", a verdade é que tempo vem me mostrando isso faz tempo!". Talvez, um olhar mais atento para a finitude humana para pessoas tão jovens possa contribuir para que valorizem a oportunidade que se têm de estar no mundo, com o mundo. Dois textos em especial, escritos por Oliveira e Py¹¹ e Burlá, Azevedo e Py¹² ajudam a compreender a importância de falar da morte como estratégia para potencializar a vida. Outro ponto que chama a atenção é a utilização deste instrumento avaliativo como forma de homenagear os velhos das suas vidas, como revela a escrita de outra acadêmica: " Contudo, um dia ele fechou a porta de casa. E lá, ele ficou. E nós, como bons amigos, parentes e seja lá o que for, respeitamos o momento dele. Deixamos que ele terminasse sua história pra que talvez um dia servisse de inspiração pra alguém redigir um texto em sua homenagem, por exemplo". **CONCLUSÃO:** Aqui são apresentados alguns recortes de mais de 80 crônicas

elaboradas pelos acadêmicos de psicologia versando diferentes conteúdos discutidos durante o semestre. Até o momento, o emprego deste instrumento tem se mostrado eficaz para dar pistas seguras da aprendizagem ocorrida. Conseguir escrever de forma aparentemente simples conteúdos densos, exige do acadêmico a apropriação dos conceitos teóricos, bem como a capacidade deles de transpor os conceitos contidos nos materiais científicos para a vida das pessoas. Seguramente outras estratégias metodológicas podem ser utilizadas em sala de aula. O universo acadêmico é extremamente desafiador, pois obriga o docente a se reinventar constantemente. Exige que a humildade esteja presente a cada novo encontro com um a turma, pois ter ciência de que não há uma fórmula mágica para que a aprendizagem ocorra, que não há um único caminho a ser percorrido e que, o que funcionou hoje com a turma da manhã, talvez não funcione hoje com a turma da noite, convoca a todos para que compartilhem experiências que, por enquanto, estão se mostrando positivas.

Palavras-Chave: Envelhecimento; Docência; Instrumentos avaliativos

Referências Bibliográficas:

¹ Freire P, Macedo D. Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2011.

² Masetto MT. Competência pedagógica do professor universitário. (2a ed. rev.). São Paulo: Summus; 2012.

³ Baltes P. Theoretical propositions of life-span developmental psychology: On the dynamics between growth and decline. *Developmental Psychology*[Impresso]. 1987, v.23, n.5, p.611-626.

⁴ Fonseca A A da. Eduardo Palmério, um perfil intelectual: humorismo e cultura política nas crônicas da imprensa paulista dos anos 1940. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação* [Internet]. 2012 [citado em 15 jul. 2017]; 35(2), 61-84. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S1809-58442012000200004>

⁵ Veríssimo LF. Alternativa. *O Globo*. 2013 Jun 30. Disponível em : <https://oglobo.globo.com/opiniao/alternativa-8861872>

⁶ Medeiros M. Morrer em Vida é Fatal. *Zero Hora*. 2009 Mai 2. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default2.jsp?uf=1&local=1&source=a2494386.xml&template=3916.dwt&edition=12224&ion=1026>

⁷ Baltes P, Smith J. Novas fronteiras para o futuro do envelhecimento: da velhice bem sucedida do idoso jovem aos dilemas da Quarta Idade. *A Terceira Idade*[Impresso]. 2006 Jun; 17(36):7-31.

⁸Neri A L. Teorias Psicológicas do Envelhecimento: percurso histórico e teorias atuais. In: Freitas EV de e PY L, editoras. Tratado de Geriatria e Gerontologia. 4ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2016. p. 28-40.

⁹Beauvoir S. A Velhice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1990.

¹⁰Santos SS dos. Sexualidade, uma inscrição sem ponto final. In: Santos SS dos e Carlos SA. Envelhecendo com apetite pela vida: interlocuções. Petrópolis, RJ: Vozes; 2013. p. 31-52.

¹¹Oliveira JF, Py L. O homem, a velhice e seu apetite de infinito. In: Santos SS dos e Carlos SA. Envelhecendo com apetite pela vida: interlocuções. Petrópolis, RJ: Vozes; 2013. p. 17-30.

¹²Burlá C, Azevedo DL, Py L. Cuidados Paliativos. In: Freitas EV de e PY L, editoras. Tratado de Geriatria e Gerontologia. 4ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2016. p. 1198-1208.